

LEONARDO BATISTELLA disse que os pais devem incentivar que o filho continue tentando se recolocar no mercado de trabalho e não podem dar privilégios durante esse período

DESEMPREGO DE JOVENS

Especialistas afirmam que ajuda deve ser provisória

O socorro dos pais ao filho na fase do desemprego é importante, mas especialistas alertam que deve ser provisório.

Acolhê-lo novamente em casa e ajudar com as contas, se o filho não tem reserva financeira, faz parte, mas também é papel dos pais deixar claro que isso é momentâneo.

“Os pais devem incentivar que o filho continue tentando se recolocar, e não devem dar ‘privilégios’”, destacou Leonardo Batistella, um dos idealizadores do site Jornada do Dinheiro, voltado para educação financeira e investimento.

Se durante esse processo o filho conseguir novo emprego, deve colaborar nas contas de casa até se estabilizar novamente para sair, como destacou o coordenador do MBA em Gestão Financeira da Fundação Getúlio Vargas (FGV),

Ricardo Teixeira.

“Ele pode fazer compras ou pagar uma conta de água ou de luz para demonstrar que não está confortável com a situação, que é provisória. Se o jovem saiu de casa uma vez, voltar é uma situação estranha, então ele deve demonstrar que busca mudar isso”, disse Teixeira.

A busca por uma recolocação no mercado envolve algumas estratégias, a primeira delas é o autocohecimento, na opinião do CEO da Heach, Elcio Paulo Teixeira.

“Reconhecer os seus talentos, desenvolver novos e atuar em cima das limitações é essencial em um processo de empregabilidade eficiente. Essa ação, por si só, torna o candidato muito mais assertivo, inclusive dará novas possibilidades de carreiras e atuação”, ressaltou Teixeira.

Além disso, algumas atitudes na hora de avaliar propostas são importantes, segundo o consultor de carreira Elias Gomes.

“Do ponto de vista profissional, é preciso ter flexibilidade em relação à remuneração, ao deslocamento, à viagem e até a mudança de residência”, destacou.

Mas se o emprego não vem, outras alternativas devem ser pensadas, explicou Batistella.

“Se a pessoa não consegue voltar ao mercado de trabalho, deve usar suas habilidades. Pode fazer algum curso, abrir um negócio próprio, talvez informal inicialmente, o que não pode é ficar inerte. Morar com os pais é uma grande comodidade no início, mas se vira algo permanente é uma grande cilada que arruína a vida financeira, profissional e até afetiva”, pontuou.

DICAS PARA MUDAR A SITUAÇÃO

1 Planejamento

Voltar a morar com os pais pode ser uma boa saída para se reorganizar financeiramente, mas é importante tomar alguns cuidados, se o objetivo for mudar de situação.

O primeiro é fazer um planejamento, levando em conta a situação atual e as metas a serem alcançadas, o que inclui arrumar uma nova ocupação e quanto tempo será necessário ficar na casa dos pais.

2 Alternativas

Como o mercado de trabalho não está fácil, se o emprego demorar a sair, é importante pensar em alternativas, como o empreendedorismo ou uma

nova profissão, que pode ser aprendida por meio de um curso.

3 Psicológico

Também é preciso trabalhar o lado psicológico, que pode ficar abalado com a demissão e a volta para a casa dos pais. É importante não ficar afobado.

Se não conseguir o “emprego dos sonhos”, avalie alternativas. Talvez seja o momento de começar por baixo.

4 Supérfluos

Se o jovem conseguiu novo emprego e vai sair da casa dos pais, é importante começar a construir uma reser-



POUPAR é importante para jovens

va financeira, por isso gastos supérfluos devem ser evitados.

5 Reserva financeira

São duas as reservas financeiras

que podem ser construídas enquanto se está morando com os pais e trabalhando, segundo Leonardo Batistella, um dos idealizadores do site Jornada do Dinheiro, voltado para educação financeira e investimento.

Uma é a reserva de independência e a outra é a de emergência. A primeira é de longo prazo, pode chegar a 60% do salário e inclui gastos fixos futuros, como água, luz e alimentação; a segunda é para despesas inesperadas.

6 Aplicações

Para ter uma reserva de independência em longo prazo, uma sugestão de Batistella é investir em aplicações, já que o rendimento da poupança é

baixo. Algumas opções de investimento são Tesouro Direto, Certificado de Depósito Bancário (CDB), Letras de Crédito Imobiliário (LCI) e Letra de Crédito do Agronegócio (LCA).

7 Planos

Se o jovem nunca morou sozinho, mas pretende sair da casa dos pais, também é importante se planejar, observando detalhes como local de moradia (aluguel e proximidade ou não com o local de trabalho ou com a casa dos pais); se a alimentação será em restaurantes ou se vai cozinhar em casa.

Fonte: Especialistas consultados.

Reserva tem de ser de 60% Muda o perfil das famílias

Se voltar para a casa dos pais requer a prática do exercício da humildade, sair do ninho necessita de muito planejamento. Se há tempo disponível para isso, ao longo de cinco ou dez anos, especialistas aconselham a fazer uma reserva financeira de longo prazo.

Leonardo Batistella, um dos idealizadores do site Jornada do Dinheiro, voltado para educação financeira e investimento, orienta reservar até 60% dos ganhos para obter o que ele chama de reserva de independência.

“O plano estratégico depende da realidade de cada pessoa. Não tem fórmula exata para isso, mas, já que esse jovem que ainda mora com os pais tem boa parte do orçamento preservado, não tem muitas despesas com moradia, indicaria separar 60% do que ganha para fazer essa reserva da independência”, aconselhou.

Segundo ele, esse dinheiro pode ser aplicado em investimentos de longo prazo como a renda fixa, que inclui Tesouro Direto, Certifi-

cado de Depósito Bancário (CDB), Letra de Crédito Imobiliário (LCI) e Letra de Crédito do Agronegócio (LCA).

Para o coordenador do MBA em Gestão Financeira da FGV, Ricardo Teixeira, no Brasil não há a cultura da poupança. “Educação financeira é você começar a poupar antes mesmo de começar a trabalhar. Criança que recebe mesada deveria ser ensinada a poupar desde que começa a receber”, pontuou.



RICARDO: poupar desde criança

A queda no número de filhos nas famílias fez surgir um fenômeno que os especialistas classificam como “Geração Canguru”, jovens de 25 a 34 anos que ainda moram com os pais, em qualquer situação: desempregados, empregados, que nunca tenham saído ou que estejam de volta ao lar.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mapeia essa tendência na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). O resultado de 2015, divulgado no fim de 2016, mostra que no Espírito Santo são mais de 145 mil jovens dessa geração.

“Os pais de muitos dessa geração saíram cedo de casa, eram praticamente ‘obrigados’ porque havia muitos filhos e não dava para todos ficarem com os pais. Hoje, as famílias têm poucos filhos e nesse momento econômico, de desemprego, voltar a morar com os pais é mais viável”, destacou o especialista em investimentos Leonardo Batistella.

O que pode, em alguns casos, se



IBGE analisa o perfil das famílias

tornar acomodação, na opinião do coordenador do MBA em Gestão Financeira da FGV, Ricardo Teixeira. “É muito mais uma questão psicológica ou de acomodação. O alto nível de desemprego não permite encontrar uma vaga ou encontrar com salários que não permitam morar fora”, disse.

GERAÇÃO CANGURU

Maturidade tardia

> A “GERAÇÃO CANGURU” designa os jovens entre 25 e 34 anos que prolongam a convivência com os progenitores, englobando os jovens que voltam a morar com os pais, por uma necessidade, como a perda do emprego.

> O TERMO É PARA LEMBRAR que esses jovens se comportam de forma semelhante aos cangurus, que só saem da bolsa da mãe quando se sentem muito seguros e maduros. Às vezes, já estão grandes e continuam tendo os cuidados maternos.

Estudam mais tempo

> OS JOVENS da “Geração Canguru” geralmente estudam por mais tempo, fazem faculdade, pós-graduação e só saem quando já têm uma carreira consolidada e uma condição social semelhante à dos pais.

> COM ISSO, OS JOVENS da “Geração Canguru” também retardam a criação de uma nova família.

Fonte: Especialistas consultados.

ANTONIO COSME - 14/04/2016



DESEMPREGO DE JOVENS

Quatro mil voltam para a casa dos pais

Por causa da crise, profissionais entre os 25 e 34 anos no Estado voltaram ao antigo lar para cortar despesas e reorganizar as finanças

Dayane Freitas

Jovens que durante os anos de bonança econômica conseguiram ter a independência financeira dos pais, agora estão fazendo o caminho inverso e voltando ao seio familiar, por causa da crise e do desemprego.

No Estado, o movimento iniciado com a crise está sendo realizado por cerca de 4 mil jovens entre 25 e 34 anos que perderam o emprego e precisam se livrar do aluguel, segundo estimativas de especialistas, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

(Pnad) 2015, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016, e em dados do setor imobiliário.

“É um contexto transitório, uma forma viável, rápida e econômica de cortar custos, de passar pela transitoriedade do desemprego e retomar a vida no momento seguinte, talvez em condições até melhores”, destacou Elias Gomes, consultor de Recursos Humanos.

Os dados da Pnad retratam a chamada “Geração Canguru” — formada por jovens que ainda moram com os pais. São 145.727 no Espírito Santo, tanto empregados quanto desempregados, que se encaixam nesse perfil, o que representa 23,5% do total entre 25 a 34 anos que vivem no Estado. No Brasil, esse percentual é de 25,3% de uma população de 31,5 milhões.

O desemprego entre os mais jovens, aliás, atinge percentuais preocupantes. A Síntese dos Indicadores Sociais do Espírito Santo, apurada pela Pnad 2015 e editada

pelo Instituto Jones dos Santos Neves, mostra que a taxa de desemprego principalmente na faixa de 18 a 19 anos e de 20 a 24 anos é grande, chegando a 32,5% no primeiro caso; e a 19,9% no segundo.

Em 2016, foram fechados 37.966 vagas no Estado, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

O caminho que os brasileiros tomam de volta para a família não é diferente do que ocorre em outros países em crise. Na Espanha, por exemplo, onde o desemprego entre jovens beira os 46%, só duas em cada 10 pessoas, entre 17 e 29 anos, não vivem com os pais.

Voltar para a casa dos pais é um exercício de humildade, na visão de especialistas. Já que a pressão por independência ainda é forte.

Pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) com 601 jovens entre 18 e 30 anos mostrou que a maioria (30%) considera que, após os 30 anos, será realizada se tiver seu próprio imóvel.

CASOS



ACERVO PESSOAL

Apoio da mãe

Há dois anos, a recuperadora de crédito Amanda de Jesus Nascimento, 31, conta com o apoio da mãe, Emília de Jesus, que abriga a filha e a neta, Lara Maia, 10, em Coqueiral de Itaparica, Vila Velha.

Amanda, que conseguiu emprego após um ano, economiza R\$ 800 com aluguel. Apesar de trabalhar, o apoio da família é essencial. “Mesmo com a ajuda do pai da Lara e da minha mãe, os custos são altos.”



ACERVO PESSOAL

Tudo em conta

Voltar a morar com os pais foi a escolha do administrador Marcel Cristo, 33, e da mulher, a administradora Agatha Dutra, 30, para equilibrar as finanças, após o desemprego.

O jovem, que hoje é empreendedor, vivia em Vitória e voltou para Colatina em 2014. Ele morou por seis meses na casa dos pais, antes de construir no 2º andar. Com isso, economiza R\$ 900 só com aluguel.

NÚMEROS

ESTADA PROLONGADA

ESPIRITO SANTO

145.727 JOVENS,

tanto empregados quanto desempregados, se encaixam no perfil da chamada “Geração Canguru” — jovens de 25 a 34 anos que ainda moram na casa dos pais.



> ISSO REPRESENTA 23,5% do total de 620.654 pessoas de 25 a 34 anos que vivem no Espírito Santo.

BRASIL

> HÁ 31,5 MILHÕES de pessoas nessa faixa etária. Dessas, 25,3% estão incluídas na chamada “Geração Canguru”.

VAGAS FECHADAS

> EM 2016, FORAM FECHADAS 37.966 vagas de emprego no Espírito Santo, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

> A FALTA DE VAGAS ajudou a aumentar o número de jovens que resolveram voltar para seus antigos lares, ao lado dos pais.

DESEMPREGO

> A TAXA DE DESEMPREGO no Espírito Santo, principalmente na faixa de 18 a 19 anos e de 20 a 24 anos, é grande, chegando a 32,5% no primeiro caso; e a 19,9% no segundo.

> JÁ NO BRASIL, NA FAIXA dos 18 a 19 anos, chega a 28,7%; e atinge os 18,7% entre os jovens de 20 a 24 anos.



Aluguel barato para segurar jovens

Gastos com aluguel, muitas vezes, ficam incompatíveis com o orçamento de quem acabou de perder o emprego. E, enquanto o desemprego sobe no País, os preços dos aluguéis caem.

Especialistas do mercado imobiliário relacionam esses efeitos a algumas causas, entre elas a desistência do aluguel e a volta dos jovens para a casa dos pais.

Se considerada a inflação, a redução nos preços dos aluguéis no Brasil foi de 8,95% em 2016, segundo o coordenador do Índice FipeZap, Eduardo Zylberstajn.

“Sem dúvida, a crise, por meio de diversos canais — sendo o desemprego um deles —, fez com que a demanda por novos imóveis diminuísse, tanto para a venda quan-

to para a locação”, pontuou o coordenador.

O Índice FipeZap apura os preços em 11 cidades do País, entre elas São Paulo e Rio de Janeiro. Nesta, inclusive, a queda nominal, descontada a inflação, foi de 6% nos valores, segundo Zylberstajn. Vitória não está incluída.

O advogado imobiliário Diovano

THIAGO COUTINHO - 26/10/15



DIOVANO: taxa de condomínio

Rosetti acredita que muitos estudantes vindos do interior, que não estão conseguindo renovar seus financiamentos estudantis, também rescindiram contratos de aluguéis.

Outro dificultador, segundo ele, é o preço dos condomínios, que desencoraja a permanência.

“O aluguel pode ser negociado, já o condomínio, não”, ressaltou Rosetti.

Já na avaliação do diretor de Locação da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário do Espírito Santo (Ademi-ES), Charles Bitencourt, os valores de aluguéis na Grande Vitória não têm caído. “O que tem acontecido é uma manutenção, em muitos casos o locador avalia o perfil do locatário e sua parceria com ele”, pontuou.